

Gros reconhece pressão de banco

Brasília — O ex-presidente do Banco Central Francisco Gros atribuiu a saída de Dílson Funaro do Ministério da Fazenda às pressões dos banqueiros internacionais. “O maior elogio que o ministro Funaro recebeu logo que se oficializou sua demissão foi a quase euforia com que os credores internacionais receberam a notícia”, disse Gros, com um sorriso irônico.

Mesmo reconhecendo os méritos da política econômica adotada por Funaro, especialmente a moratória dos juros da dívida, Gros defende uma atitude civilizada perante o Fundo Monetário Internacional (FMI). “Precisamos desmistificar o FMI e lembrar sempre que o Fundo é uma instituição multilateral de crédito da qual o Brasil foi um dos fundadores”, assinalou.

O que não se pode aceitar, segundo ele, é o monitoramento tradicional geralmente imposto pelos credores aos países devedores. Instado a comentar as declarações feitas quarta-feira pelo embaixador Saraiva Guerreiro no Congresso defendendo o retorno do Brasil ao FMI, Gros desculpou-se por não ter visto o debate. Acredita, no entanto, que ele estava “falando nessa mesma tese, a de não criar monstros em torno do FMI”.

Gros manteve ontem uma longa reunião com seu sucessor Fernando Milliet, colocando em dia os pontos relativos à renegociação da dívida externa. Durante a conversa, Milliet, ex-presidente do Banespa, ficou sabendo que os diretores Mendonça de Barros e Ricardo Fernandes estão demissionários.

Ao procurar explicar por que não continua no cargo de presidente do Banco Central, Gros disse que cargos como os de presidente do Banco Central, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica não devem ser tratados como mera extensão do Ministério da Fazenda. “Não havia nenhuma razão para pedir demissão naquele momento (na segunda-feira), quando ainda nem o sucessor de Funaro estava escolhido”, justificou.